

O projeto que originou a criação do Banco de Memórias e Histórias de Vida da EPM/UNIFESP se baseou na concepção de História oral proposta por Meihy & Holanda (2008), entendendo-a como *“um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas”*

Nessa perspectiva às entrevistas são elaboradas em diálogo com os entrevistados que deixam de ser “meros informantes” da pesquisa, para tornarem-se colaboradores atuantes e imprescindíveis no projeto.

Nesse caso específico, estamos falando de um gênero de história oral que privilegia a experiência de vida daqueles que narram suas histórias, nas entrevistas buscamos as singularidades das trajetórias pessoais e da visão de mundo de cada colaborador. A esse tipo de história oral, Meihy & Holanda (2008) denominaram de História Oral de vida:

*“No caso da história oral de vida, o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios. As incertezas, descartabilidade da referência exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à História. Em particular, a história oral de vida se espraia nas construções narrativas que apenas se inspiram em fatos, mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções.”*